

21 JAN 1992

4 — JORNAL DA TARDE

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S.PAULO
Av. Engº Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Táctico Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjo

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiumá Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Parou de piorar

ECON - BRASIL

Como um denso nevoeiro, a recessão e a inflação ainda impedem que se tenha uma visão mais clara do futuro próximo. Mas já é possível distinguir no horizonte sinais animadores de que o ambiente econômico começa a mudar. "Parou de piorar", resume o deputado Roberto Campos, citando alguns indicadores, como o retorno de investimentos externos ao País e o desaparecimento das expectativas pessimistas quanto à inflação.

Mesmo um crítico severo do governo Collor com o deputado Delfim Netto admite a existência de sinais positivos, particularmente na disposição do Congresso de, a partir da constatação da insolvência do sistema previdenciário, discutir uma proposta de ajuste fiscal que não se limite ao aumento de impostos, mas que busque o equilíbrio das finanças públicas por meio do corte das despesas.

No que se refere aos agentes econômicos em geral, essa mudança de expectativas deve-se em grande parte à firmeza com que a equipe chefiada pelo ministro Marcílio Marques Moreira se vem mantendo fiel à política por ela anunciada, de estrito controle das despesas e do fluxo de moeda. Mas o fato mais auspicioso das últimas semanas é a determinação com que o governo vem reagindo aos efeitos do reajuste de 147% para os aposentados.

Pela primeira vez na História recente do Brasil, um governo tem a coragem de assumir uma posição claramente antipática, por entender que ela é a que melhor atende aos interesses do País. O governo tem dito que, por mais justas que sejam as reivindicações dos aposentados, elas não podem ser atendidas com emissão de moeda ou de títulos, pois isso poria a perder todo o esforço feito até agora na luta contra a inflação, que surgiria mais adiante, com vigor renovado.

Com a atitude que assumiu, a partir da posse do ministro Marcílio Marques Moreira, o governo conseguiu impedir a consolidação da expectativa de alta inflacionária que se ia formando no

mercado financeiro, de onde se espalharia rapidamente para os demais segmentos da economia.

O mercado financeiro, hoje, apresenta um clima de confiança como há tempos não se via. O sinal mais visível dessa confiança é o desempenho expressivo das bolsas de valores neste início do ano. Mas ela já vem se manifestando há mais tempo, como se observa no grande volume de recursos estrangeiros que o País recebeu no ano passado, 54,5% mais do que em 1990. No mercado de capitais, o volume de recursos que entrou no ano passado foi de US\$ 700 milhões, contra US\$ 170 milhões em 1990. Em 1992, pode-se chegar a US\$ 1 bilhão. Ressalte-se que essas aplicações — ao contrário dos investimentos diretos, que cresceram apenas 13% no ano passado — são extremamente nervosas e podem sair do País aos primeiros sinais de turbulência na economia.

Também no setor produtivo observam-se sinais positivos. A prolongada recessão, ao reduzir expressivamente a rentabilidade das empresas, obrigou-as a buscar soluções criativas, de mercado. Hoje, como mostram as duras negociações entre a indústria e o comércio, já não é mais possível fixar preços a partir de uma simples soma de custos e margens de lucros. Os preços agora dependem muito mais de uma lei elementar da economia: a da oferta e da procura. As empresas, além disso, mudaram sua visão administrativa. Reduziram estoques, diminuíram as aplicações financeiras — que lhes garantiam rentabilidade automática — e buscam produtividade. O ganho voltou a ser o prêmio para quem sabe produzir mais e melhor.

O preço que a sociedade está pagando para divisor esses sinais positivos é altíssimo e a superação do atual período de sacrifícios será um processo lento. Mas pelo menos já se vêem sinais de que a sociedade brasileira está sofrendo uma salutar transformação de mentalidade que a habilitará a ingressar na modernidade.